

Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania: uma experiência/vivência artística/cultural em uma comunidade brasileira

*Narratives, images and citizenship sounds: an
artistic experience in a Brazilian community*

MARISE BERTA DE SOUZA*
& **JOSÉ UMBELINO DE SOUSA PINHEIRO BRASIL****

Artigo completo submetido a 1 de maio e aprovado a 23 de maio de 2015.

*Brasil, produtora e realizadora de cinema e audiovisual. Habilitações: Bacharelado em Direito — Universidade Católica do Salvador (UCSAL); Formação em Cinema Direto — Universidade Federal da Paraíba (UFPB)/Museu do Homem; Mestrado em Artes Visuais — Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutorado em Artes Cênicas — Programa de Pós-Graduação da Escola de Teatro da UFBA.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, Mestrado Profissional em Artes. Rua Barão de Jeremoabo, PAF IV, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: profartes@ufba.br

**Brasil, documentarista cinematográfico. Mestrado em Artes Visuais — Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas — Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação, UFBA. Pós Doutorado no Programa de Comunicação e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação (FACOM), Mestrado Profissional em Artes. Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Ondina, CEP: 40170-115, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: umbelino@ufba.br

Resumo: Este artigo trata das ações do Programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania, que consistiu na sensibilização de um grupo de alunos para discutir suas identidades culturais, através da expressão audiovisual. Nessa perspectiva, aborda-se o contexto e o território dos sujeitos participantes e apresenta-se a metodologia adotada. Conclui-se refletindo que narrativas audiovisuais são possibilidades potentes de ler e estar no mundo.

Palavras-chave: narrativas / identidade / diversidade cultural / Paulo Freire / audiovisual.

Abstract: *This article aims to analyze the stages of Programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania (Narratives, Images and Sounds of Citizenship Program), which consists in mobilizing one group of students to debate their cultural identities through the audiovisual expression. In this perspective, it approaches their territories and context to establish the method. In conclusion, this program creates powerful possibilities to read and be in the world.*

Keywords: *narratives / identity / cultural diversity / Paulo Freire / audiovisual.*

Introdução

Nesse artigo analisamos uma proposta desenvolvida em Lauro de Freitas, município que se situa na Região Metropolitana de Salvador, Bahia, Brasil. O programa, implantado por professores e estudantes da Universidade Federal da Bahia, consistia em sensibilizar um grupo de alunos das 7^a e 8^a séries da Escola Estadual Kleber Pacheco. O objetivo era levar os participantes a desenvolverem uma consciência crítica e cidadã, a partir da elaboração de vídeos que tivessem como temática suas referências pessoais e se relacionassem com as tradições culturais do município.

Utilizamos como método a perspectiva freireana. Para Paulo Freire, reconhecido educador brasileiro, destacado por seu trabalho voltado para a educação popular, “a leitura do mundo antecede a leitura da palavra”. É dessa forma que Freire nos mostra a importância do aprendizado significativo, que deve considerar o território e a cultura desse sujeito que, a partir das suas memórias, realiza a sua própria leitura do mundo e possui suas próprias reflexões. Em um processo de socialização, essas leituras são compartilhadas, negociadas e refletidas já na perspectiva do grupo. Nesse contexto, foram realizados audiovisuais através de oficinas, considerando não somente a educação escolar, como também a diversidade dos saberes apreendidos nos diferentes espaços de sociabilidade.

Para analisar os resultados do programa, dividimos o presente artigo em cinco partes: na primeira, apresentamos o lugar onde foi desenvolvido; em seguida, discutimos sobre comunidades, identidades e territórios; na terceira, analisamos as narrativas a partir da perspectiva freireana e por fim, refletimos sobre a experiência da produção de audiovisuais e apresentamos algumas considerações finais.

1. De Santo Amaro de Ipitanga à Lauro de Freitas

Lauro de Freitas é um município localizado na Região Metropolitana de Salvador. Antigamente chamava-se Santo Amaro de Ipitanga e só em 1962 recebeu essa designação, o que contribuiu para distanciar a comunidade local de suas raízes. Foi na praia de Buraquinho, localizada no seu litoral, que foi rodado o primeiro filme realizado em longa-metragem do cineasta brasileiro Glauber Rocha: “Barravento”. Foi esse fato que nos impulsionou a realizar esse programa no município.

Em entrevistas e escritos, Glauber Rocha declarou que o contato que manteve com a população de Buraquinho foi fundamental para a sua formação humanística e política. O convívio com a colônia de pescadores, o relacionamento com a cultura e religião afro-brasileiras através dos capoeiristas e do povo de santo, atores naturais do drama humano apresentado no filme, foi decisivo para a construção do seu método original, que deu vida aos personagens da história contada em “Barravento”, mantendo-se fiel à tradição da oralidade pela qual recuperava a capacidade narrativa.

Passadas seis décadas em que a praia de Buraquinho foi locação do emblemático filme da história do cinema brasileiro, o desenvolvimento econômico alterou o cenário e trouxe para a cidade uma nova e crescente população. A cidade passa a funcionar como uma extensão de Salvador, faltando aos seus novos habitantes uma identidade afetiva e efetiva que recuperasse a sua memória e incorporasse a defesa da nova comunidade que passou a integrá-la.

Os alunos do ensino médio das escolas públicas de Lauro de Freitas são oriundos de comunidades afrodescendentes (88% da população) e vivem em situação de vulnerabilidade social. O perfil econômico do município acusa, nessa localidade, uma concentração de famílias de baixa renda, habitantes de áreas com precária oferta de serviços públicos e culturais. Lauro de Freitas alcançou o segundo pior índice de mortalidade por homicídios entre jovens de 12 a 29 anos, entre todos os municípios do país com mais de 100 mil habitantes.

A leitura que fazemos do processo vivenciado é que o elemento comum das identidades dos sujeitos participantes não era a etnia, mas a violência sofrida pelos jovens, em suas diversas modalidades, o que confirmou os dados estatísticos levantados. Dessa forma, as temáticas escolhidas para o desenvolvimento das peças audiovisuais refletiram possíveis formas de superação dessa violência, que ora se apresentavam sob a forma de reivindicação da ancestralidade afrodescendente, ora através da arte e de novas formas de estética jovem.



Figura 1 · Alunas entrevistando D. Aidée, Mestre de Cultura Popular. Fonte: própria.

Figura 2 · Filmagem de Roda de Conversa. Fonte: própria.

2. Sobre comunidades, identidades e territórios

O conceito de território desenvolvido foi inspirado na obra do geógrafo brasileiro Milton Santos (2000), que ao abordar a geografia cultural, descreve o território como um espaço recheado de representações simbólicas, sobre as quais se constroem as identidades. Santos, destaca a importância do estabelecimento de laços, que ocasionam um sentimento de pertencimento, fortalecendo os membros de uma comunidade ou local. Não só a geografia delimita a comunidade, mas o conjunto do compartilhamento das crenças, manifestações culturais, etnias, vivências, histórias e um passado compartilhado fazem com que pessoas residentes em um determinado território se sintam parte de um grupo. Nesta concepção, considera a dimensão humana e as relações estabelecidas nas localidades e o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é, portanto, o chão mais a identidade, o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida (Santos, 2000: 83).

Mas as comunidades não vivem isoladas. As pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila ou a cidade, formando redes sociais. Com a facilidade dos meios de transporte e meios de comunicação contemporâneos, essas interações ganham contorno mundial. Assim, as identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas (Castells, 1999: 79). Ou seja, há um reagrupamento e reposicionamento dos grupos e das suas identidades culturais.

Por entender a importância da memória é que propomos, no programa analisado nesse artigo, a produção de audiovisuais. Quando iniciamos, o primeiro passo foi provocar os alunos a refletirem sobre o seu próprio território de identidade, a fim de despertar no grupo o sentimento de pertencimento. Nossa expectativa era que a memória surgisse nas narrativas dos participantes de forma ressignificada pelas novas gerações.

Kessel (2009) afirma que a memória coletiva contribui para um sentimento de pertencimento a um grupo, que possui um passado comum e para a construção da identidade desse grupo, “compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico”. Mas a memória também se modifica conforme as relações que esse grupo estabelece com e entre os diferentes grupos, portanto: (...) a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos. Decidir sobre o que deve ser lembrado e também sobre o que deve ser esquecido integra os mecanismos de controle de um grupo sobre o outro.

Nesse contexto, a nossa intenção com o programa era, não só reafirmar laços

construídos pela memória, mas gerar outro processo de identificação, uma reação pela forma como se é visto. A autoria como proposta educativa contribui para a manifestação de cada sujeito que tem a possibilidade de traçar caminhos individuais e coletivos de aprendizagem a depender de seus interesses e suas referências culturais e sociais.

3. As narrativas dos sujeitos como proposta metodológica

Adotamos como procedimento metodológico a teoria da ação dialógica. De acordo com Freire (1997), é através da cultura que os oprimidos conseguem resistir ao "invasor" e fortalecer a sua identidade. Por isso, defende que as ações culturais devem ser problematizadoras das condições dos sujeitos nelas envolvidos; o caminho, para o educador, é sempre o diálogo. Freire, no que denomina "Pedagogia da Libertação" defende que esse diálogo não pode ser neutro, pois faz parte do papel do educador conscientizar os educandos sobre sua condição de oprimido.

Ao utilizarmos Freire buscávamos mostrar aos jovens as diferentes leituras que são realizadas sobre as suas condições: desde aquelas que denunciam o ambiente violento no qual eles se encontram, como também as que revelam o importante contexto histórico-cultural que deu origem à formação do município.

Para isso, o caminho metodológico percorrido, tendo em vista a articulação entre pesquisa e extensão, foi trilhado com base na pedagogia crítica de Freire (1999), e encontrou esteio em uma ação interdisciplinar que se pautou na práxis dialógica, emancipadora e de empoderamento para os seus participantes: 6 professores, 13 monitores e 30 estudantes (Figura 1).

Em todas as etapas os monitores, supervisionados pelo conjunto de professores, utilizaram recursos audiovisuais (filmes, músicas, fotos, imagens), recursos tradicionais (textos e aulas expositivas) e recursos interativos (provocações e dinâmicas lúdicas, visuais e sonoras). Os estudantes vivenciaram e experienciaram as práticas audiovisuais a partir do tripé metodológico que envolve o conhecimento, a ação e a reflexão, e isso sem se limitar à perspectiva do puro agir sem que este esteja devidamente contextualizado, pois o objetivo e a conexão que se dá a partir da articulação desse tripé reside na ampliação e aprofundamento dos canais de discussão, reverberação e ressignificação dos conteúdos disponibilizados e discutidos (Figura 2).

Durante o processo, ficou clara a possibilidade da leitura do mundo pelo registro, invenção e criação audiovisual, como meio e estímulo ao desenvolvimento intelectual. Alia-se à essa percepção, outra de igual valia, a potência do acolhimento afetivo, evidenciada pela troca afetiva ocorrida. Para Piaget (1986), o desenvolvimento intelectual manifesta-se a partir de um elemento



Figura 3 · Confraternização de encerramento 2015. Fonte: própria.

Figura 4 · Alunos do Colégio Estadual Kléber Pacheco e monitores da UFBA filmando nas margens do Rio Joanes. Fonte: própria.

cognitivo e um afetivo, o que inclui interesse, sentimentos, desejos, tendências, valores e emoções. O afeto floresce no mesmo espaço que a cognição ou inteligência. Na convergência entre a cognição e a afetividade, o programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania se espalhou e fez emergir carências, precariedades e exposição da situação de vulnerabilidade na polifonia dos discursos dos jovens, compartilhados e orientados pelo viés da superação (Figura 3).

4. Narrativas Audiovisuais para ler e viver o mundo

Eric Hobsbawm, (1995) afirma a posição de centralidade ocupada pelo cinema e audiovisual nesse século e assinala que a era da reprodutibilidade técnica, caracterizada pela reprodução e acesso massivo das obras de artes, não só incide na transformação que ocorre na forma como se dá a criação, mas, também, na maneira como o homem passa a perceber a realidade.

Nesse contexto, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979) entende como necessário que a experiência das pessoas com o cinema contribua para desenvolver uma competência para ver, isto é, uma determinada disposição, legitimada socialmente, para compreender e analisar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. O autor, ao tratar dessa competência para ver, assevera que ela não se adquire apenas no ato de se ver o filme: ela é oriunda da imersão das pessoas na atmosfera cultural de suas vivências, das suas referências culturais e sociais. Isso leva ao entendimento de que, as experiências culturais e o modo de ver do grupo social de pertencimento permitem que sejam desenvolvidas determinadas maneiras de leitura e de manejo com os produtos culturais, especialmente o cinema e o audiovisual. "Ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais". (Duarte, 2009: 16).

Dessa forma, desenvolver a competência para ver, produzir e acionar os recursos necessários para apreciar os mais diferentes produtos audiovisuais, afasta-se da perspectiva de escolha pessoal e constitui-se em uma prática social importante que atua na formação das pessoas contribuindo para distingui-las socialmente. Em sociedades impregnadas pelo audiovisual como a nossa, a assimilação dos sistemas de significação e o domínio dessa linguagem é condição para o trânsito nos vários campos sociais e garantia para a construção da cidadania cultural.

Nesta perspectiva, o programa articulou um painel sobre a cultura e a formação da identidade da juventude, investindo na formação audiovisual de novas gerações com o objetivo de proporcionar o acesso a conhecimentos necessários para qualificar o que veem e ampliarem a sua capacidade de avaliação e crítica,

além de possibilitar a iniciação à produção, impulsionando-os a alçarem o primeiro voo estético audiovisual.

Apreciar e produzir audiovisual na companhia de quem transita por ambientes em que essa prática é estimulada, no caso os professores e estudantes da UFBA, favoreceu o compartilhamento e o aprendizado dos “jovens aprendizes” que desempenharam um papel ativo, interagindo com esse grupo, que complementava a formação ministrada no interior da escola, com outros modos de transmissão e produção de conhecimento (Figura 4).

Conclusão

O programa Narrativas, Imagens e Sons da Cidadania ao integrar discentes e docentes da UFBA com estudantes do ensino médio, através do desenvolvimento de práticas expressivas de linguagens artísticas — que cobriram o arco da narrativa oral ao audiovisual — possibilitou um instrumento diferenciado no uso dos suportes de comunicação, por meio de uma formação integradora, afetiva e inclusiva, resultando numa intervenção na própria realidade dos participantes, levando-os, assim, a reconhecerem-se como agentes transformadores e promotores de atitudes e consciência cidadã, pois não se pode desconhecer que a produção audiovisual é um processo especializado e a produção de imagens é tributária, em grande medida, do modelo econômico e social estabelecido. Refletir sobre a produção de imagens e o acesso às técnicas de produção e comunicação audiovisual constituiu-se em um instrumento diferenciado de conhecimento e construção de cidadania.

Em seu escopo, o programa buscou privilegiar a produção de saberes, crenças e visões de mundo dos seus atores sociais, promovendo discussões sobre produções audiovisuais cujos conteúdos relacionem-se com a cultura popular local e com a diversidade cultural brasileira, além de investir em uma linguagem inovadora e qualificar os estudantes para uma maior compreensão do discurso audiovisual e manuseio dos meios e técnicas. Ocupação militante, pois o audiovisual, em que pese a sua importância destacada no mundo contemporâneo, ainda é visto como recurso adicional ao processo da educação institucionalizada.

Como foi sugerido durante todo o texto, a proposta dessa prática, que conjuga pesquisa e extensão, atuação pedagógica e prática social emancipadora, conduz ao protagonismo dos sujeitos, e posiciona-se horizontalmente no câmbio entre conhecimentos da academia e da sociedade. Acreditamos que a experiência trazida por essa aproximação entre Universidade e Comunidade contribuiu para alargar a visão de mundo de todos os seus agentes, fortalecida no convívio com diferenças, identidades e territórios.

Referências

- Bordieu, P. (1979). *La Distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Castells, M. (1999). *O poder da identidade. A era da Informação: economia sociedade e cultura*. Vol. 2. São Paulo: Ed. Paz e Terra.
- Duarte, R. (2009). *Cinema e educação*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freire, P. (1999). *Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação*. In: Brandão, C.R. (org.) *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia do Oprimido*. 48ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hobsbawm, E. (1995). *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kessel, Z. (2014). *Memória e memória coletiva*. [Consult. 2014-11-18] Disponível em URL: <http://www.museudapessoa.net/>
- Piaget, J. (1982). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.